



PASSIVO SENTIMENTAL.

Ilustração PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

N.º 224 Lisboa, 6 de Junho de 1910

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 49800 réis — Semestre, 29400 réis
Trimestre, 19200 réis

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Impressão R. Formosa, 43



O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre cbitomante e pbyseionista da Europa

MADAME Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, chiromancias, chronologia e phisiotlogia e pela applicação pratica das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroze, d'Arpenlligay, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos elu-

tes da mais alta cathgoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete:

43. Rua do Carmo, 43 (sobre-loja)—LISBOA

Consultas a 18000 rs., 28300 e 50000 rs.

SOCIEDADE FABRICANTE



DE Discos

ACABA de ser posto à venda o esplendido repertorio dos melhores discos que se encontram no mercado, e as ultimas novidades, como: ALMA DE DIOS, NHO DE VALSA e outros de double face ao preço de 1560 réis cada disco grande. Discos de outras marcas, muito bons de double face, grandes, a 720 réis.

Impressos, nem mais baratos. Pedidos à CASA SIMPLEX, BICYCLETES, DISCOS E MACHINAS FALLANTES, de J. Castello Branco, Rua do Socorro, 23-B e Rua de Santo António, 32 e 34, quer para venda avulso como para revender.



Vestidos bordados

COM VERDADEIRO BORDADO SUISSO

VESTIDOS BORDADOS em Batiste, Toile, Shantung, Pongé e Tulle, Cuiñon, Crêpe de Chine, desde fr. 17,50.

Blusas bordadas em Batiste, Toile, L.A. Cachemire, Tulle, Japonais, Louiseine, Crêpe de Chine, desde fr. 9,50, franco de porte no domicilio.

Peçam as amostras e os figurinos

Schweizer & C.^o, Lucerne A 22 (Suissa)

EXPORTAÇÃO DE BORDADOS E SEDAS

PRINCIA

NOUVEAU PARFUM VIOLET

29, B^d des Italiens, PARIS

A saude para todos

MEDIANTE A APPLICAÇÃO DA METALOTERAPIA NOVA DESCOBERTA DA SCIENCIA



Quem estiver doente peça-nos o folheto «**A SAUDE PA A TODOS**», cuja leitura o interessará, e que lhe será remetido gratuitamente. Este maravilhoso processo externo é inofensivo e de resultado inallivels para a cura das doencas chronicas, sendo o seu custo de 20, 25 e 30 pesetas, segundo a importancia da doença. Mandamos o remedio pelo correio, registado e franco de porte, para todos os paizes do mundo. Pedidos aos srs. PALAU Y HERMS. CALLE ANCHA, 14, BARCELONA.

GRATIS AOS QUEBRADOS

Um methodo simples que tem curado centenas de pessoas, sem Dor, sem Perigo, sem impedir o trabalho e sem perda de tempo

OFFERECE-SE A TODOS UMA EXPERIENCIA GRATUITA

A hernia (quebradura) é curavel sem operacão, dor, perigo ou perda de tempo. Quando dizemos curavel, não queremos dar a entender que a quebradura possa unicamente reter-se mas sim que se effectua uma cura que permitta deixar de usar funda.

A fim de levar a todos o convencimento de que a nossa descoberta pode effectivamente curar, pedimos que façam uma experiencia, que nada lhes custara. Curar significa fazer cessar todo o soffrimento, augmentar o vigor physico e mental, a facultade de gosar de novo a felicidade da vida e muitos annos de bem estar e satisficção accrescentados a vida. Offerecemos gratuitamente uma amostra do nosso tratamento que tem curado em centenas de casos.

Não é necessario mandar d'uheiro; basta preencher o coupon que se segue, indicando o desenho a posição da quebradura, e mandarnos o coupon. Ninguem deve descurar, um dia, este importante assumpto, sem continuar a atormentar-se com fundas compradas feitas baratas e communs.

Esta offerta é a mais equitativa que se tem feito e todos os que padecem de hernia a deviam aproveitar immediatamente.

COUPON (S 161.)

Marque-se n'esta illustração a posição da quebradura e responda-se ás perguntas. Em seguida corte-se o coupon e mande-se ao **Dr. W. S. Rice, 8 e 9, St. necutler Street, Lonr, res, E. C.**



Que idade tem?
Incommoda-o a quebradura?
Usa funda?

Nome _____

Domicilio _____

PARFUM
POMPEIA



L.T. PIVER
PARIS

Meio seculo de successo

ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe

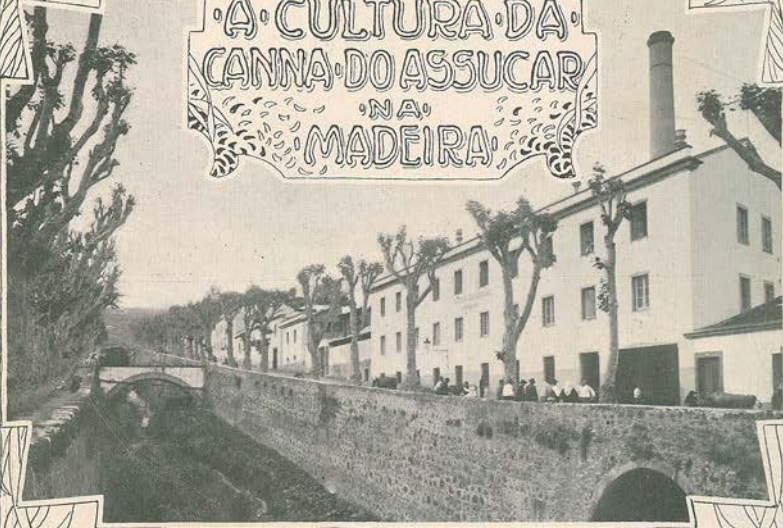
de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente

GASTRALGIAS, DYSPESIAS.

A'ocnda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris



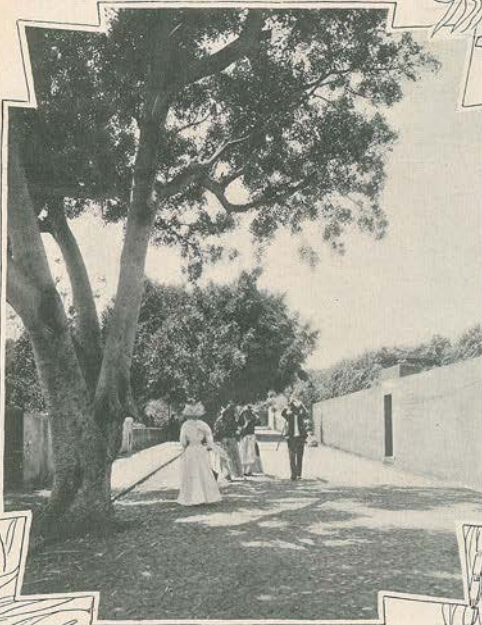
A CULTURA DA CANNA DO ASSUCAR 'NA' MADEIRA



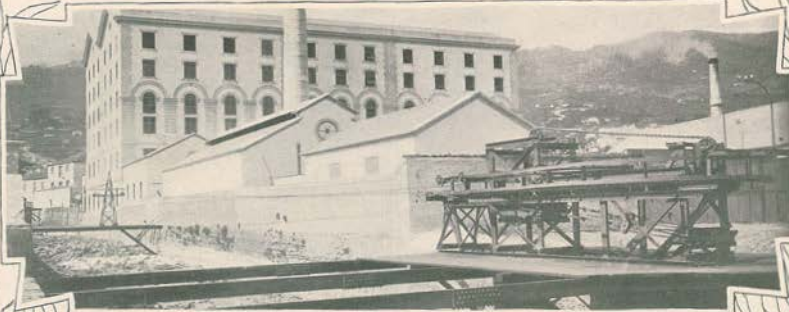
A fabrica do Torreão de Hinton & Sons, no Funchal.

A questão Hinton, que tanto ruido causou ultimamente e que ainda prende o publico, chamou as attentões para a plantação da canna d'assucar na Madeira, para essa grande industria da ilha e que é uma, se não a unica, fonte de riqueza d'essa linda terra portugueza.

Occupam grandes espaços as plantações sob aquelle formoso céu azul; as cannas erguem-se hirtas para o alto, lembrando legiões armadas com as suas bandeirolas esvoaçando á menor aragem. Collocaram-nas ali com regras e precauções; á distancia de um metro e meio uma das outras, separadas as fileiras n'uma distancia de dois metros e durante um anno ou quinze mezes, conforme os terrenos, se espera que as plantas amadureçam. Já tem então uns tres metros d'altura e as terras boas o dobro. Foram adubadas com materias azotadas, guanos e estrumes, por vezes com calcareas e ali estão á espera que as colham para serem levadas ás fabricas n'um curto espaço de tempo. Quando chega a epoca da colheita lá vae a turba dos trabalhadores, com os seus instrumentos afiados, a separar-as bem cerce da terra, porque a canna tem mais sumo na parte inferior do que na supe-



Mendigos a caminho do mercado para vender canna d'assucar.



rior. N'uma excelente cultura cada pé dará dois kilos de assucar em bruto; em cada hectare, nas mesmas condições, obter-se-hão sessenta toneladas. Fazem-se em pequenos feixes, os homens vão leval-os n'uma corrida aos barcos ou logo ás fabricas, a fim de lá estarem dentro em vinte e quatro horas



para evitar a fermentação.

A casa Hinton, tão discutida, está montando sobre o leito da ribeira de Santa Luzia, que atravessa a cidade do Funchal, cabos aereos que conduzirão os molhos para a sua fabrica. Outros proprietarios enviam os feixes ligados com chapas de ferro em zorras puxadas a bois e sem rodas ou em grandes ga-

1—Apparelho do cabo aereo pela ribeira Santa Luzia á fabrica Hinton para conducção de canna. 2—A fabrica de distillação e assucar de Leacock & C.^o no Funchal.

3—Plantação de canna *faba*, introduzida na Madeira por Mr. Hinton.



leras do typo vulgar, e assim, por aquelles caminhos da ilha, cheios de pittoresco, vão as caravanas conduzindo essa riqueza para a trituração dos engenhos.

Uma grande parte da população arrabalquina vive d'esta industria, já empregando-se na cultura, fazendo os trabalhos agricolas que as plantações exigem, já nas fabricas, algumas d'ellas montadas com verdadeiro esmero.

E' realmente um espe-



ctaculo pittoresco essa condução pelas estradas, o chiar dos carros, a poeira que se levanta, os bois pesados e cõr de cobre, vendo passar as galeras mais rapidamente que as suas *corças*.

A fabrica mais notavel da ilha é, sem duvida, a do Torreão, que pertence á firma Hinton & Soms. Em 1906 consumia diariamente duzentos mil kilos de canna, cujo valor era de tres contos e duzentos mil réis.



1—Plantações de canna d'assucar no Ribeiro Secco. 2—Fabrica de destillação da Companhia Nova. 3—A apanha da canna.

E' curioso esse fabrico realisado pelos poderosos engenheiros n'aquella casa, cuja fachada mede cento e oitenta metros e onde ha pouco se dispenderam cento e cincoenta contos em machinas.

Chegam os carros e as *corças*: as cannas veem frescas; não tem a menor fermentação. N'uma balança automatica são collocados rapidamente os feixes, que entram desde logo nos vastos armazens.

Trata-se então de espremer a planta n'um engenho. O residuo — chamado *bagaçõ* — é ainda espremido pelo processo Naudet-Hinton, o que dá uma maior produção de assucar. O succo é conduzido, nas grandes fabricas, para as caldeiras, uma série, onde successivamente se faz a clarificação e a concentração até chegar a *crystallisar*.

Desde tempos remotos que se cultiva a canna d'assucar, que se aproveitam as suas superiores qualidades, tendo a primeira sido transplantada de Bengala. A Sicilia foi a região europea onde se fez, desde logo, a extração do magnifico succo da planta, que por occasião da descoberta da America para ali foi levada.

Chega então o periodo largo d'incremento d'essa industria. O clima americano é magnifico para o desenvolvimento da canna; faz com que se eleve extranhamente a produção; os escravos, trabalhando sob o azorrague e sem paga n'aquella cultura, eram um outro elemento para o barateio do genero já indispensavel na Europa.

Na nossa ilha da Madeira fazia-se tam-



'Desfolhando

canna

E' em recipientes furados que o assucar *crystallisa* e pelos buracos vão passando os melaços. Ha ainda a purificação feita em apparatus complicados e após esse trabalho já se podem lançar os assucares no mercado.

Muito se tem modificado os processos d'este fabrico. Antigamente nas colonias, onde essa cultura se fazia, o uso era um velho moinho collocado sob um hangar, movido geralmente a duas parelhas de cavallos, que andavam em volta sob o chicote dos negros. Entre os trituradores mettia-se a planta e o seu succo era recolhido n'um largo tanque collocado por baixo do moinho que o apparatus de cylindros devia substituir e que o triturador mechanico devia desthronar.

bem a cultura em certa escala; dedicava-se parte da população a essa tarefa, seguia-se o regimen antigo, sem engenhos movidos a vapor, sendo grande a produção mas inferior o fabrico.

A canna Bourbon era a plantada em maior quantidade, mas em 1870 este genero extinguiu-se, o que teve graves consequencias para a ilha. Uma grande crise economica sobreveiu; agonisava a região apesar de ter subido a exportação de vinhos e foi então que pelo decreto de 1895 se instituiu a matricula das fabricas, o que fôra pedido por todas as classes interessadas.

Era facultativa a matricula, mas todas as que se subordinassem seriam obrigadas a pagar por cada 30 kilos de canna a quantia de quatrocentos

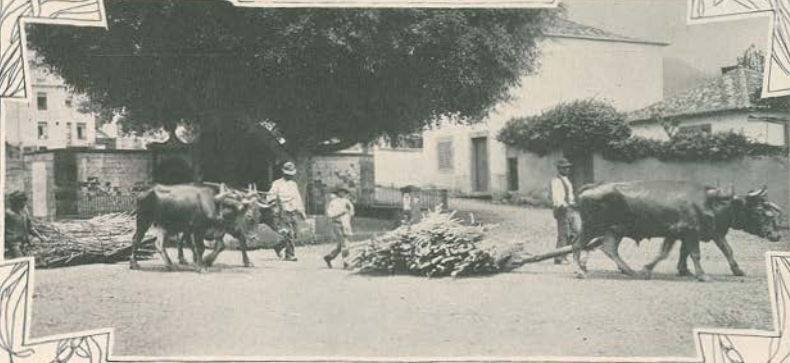


tos a quatrocentos e cinquenta réis, o que fez aumentar a cultura, mas o que deu também vantagens aos fabricantes, pois o melaço que importassem destinado a vinhos só pagaria metade dos direitos. Em 1904 um outro decreto foi lavrado protegendo ainda essa industria dando a concessão de apenas as fabricas matriculadas a poderem explorar, baseando-se para isto na necessidade que havia do emprego



de grandes capitães para o aperfeiçoamento dos machinismos a empregar nos trabalhos. Essas fabricas eram as dos srs. Hinton & Sons e José Julio de Lemos.

No tempo da canna Bourbon, que continha em media dois e meio por cento de asucar, a industria extrahia dez kilos e setecientas grammas de asucar de cada cem kilos de planta, que custavam 1\$523 réis. A actual canna que se planta na



1—Carros da fabrica Hinton conduzindo canna d'assucar. 2—Barco conduzindo canna d'assucar.
—A condução da canna em corças, no Funchal.

Madeira tem apenas quatorze e meio de assucar e cada cem kilos custam 1\$600 réis, tirando d'elles a industria, apesar dos seus aperfeiçoamentos, apenas oito kilos.

Na India faz-se em larguissima escala a cultura da canna, que a Europa admittiu vinda de Bengala, mas n'aquella região os trabalhos custam metade do preço porque se pagam na nossa ilha.

As condições da mão d'obra para o indio são bem diferentes; a sua alimentação é baratissima; são curtas as necessidades da sua vida e d'ahi o receberem um salario minimo.

Se amanhã a canna que tem sido introduzida na ilha desaparecesse como succedeu com a Bourbon, seriam cincoenta mil pessoas que ficariam sem trabalho, seria a nova

Ha um grande labor n'aquella terra desde que se começa a colheita da canna. São homens e mulheres arrancando-a da terra; tirando-a da leira; desbastando-lhe as folhas com as suas navalhas em gestos largos; de pé no meio do cannavial enorme, onde palpitam as plantas; são as *corças* que chegam aguardando o carreto; os trabalhadores que enfeixam; os boeiros que salam ao gado e depois á borda d'agua os barcos com os seus remadores, aguardando a carga d'aquelles canicos frageis a que se tirará o assucar e a aguardente nas fabricas e destillações da ilha.

Sobre as aguas tranquillas e azues, aguas lindas porque na Madeira tudo é formoso, as embarcações lá vão com as suas velas brancas, de ponto para ponto no trans-



Carregando

canna

agonia da Madeira onde a cultura se faz em tão larga escala.

Aquella lindissima região, com o seu céu de maravilha, os seus extensos campos verdes onde as plantações agora se erguem, soffreria um enorme abalo pois pode dizer-se que a maioria do seu povo a este trabalho de cultura e fabrico do assucar se dedica.

São quintas e quintaes onde a canna florece, bocados de terreno onde ella cresce e toda a gente pretende cultural-a para a vender havendo lavradores que teem a sua fortuna nos cannaviaes cujo valor em toda a ilha é de dez mil contos de réis porque os proprios viticultores da Madeira, diante da doença das suas vinhas, não hesitaram em fazer plantações.

porte e os marinheiros cantam felizes e contentes n'aquellas travessias que lhes dá o pão de cada dia, e os cultivadores alegam-se ao verem partir os barcos e tambem as galeras fortes e as *corças* arrastadas pelos bois.

Quando a noite chega a aragem canta nas folhas do cannavial que repousa d'onde os homens sahiram; os barcos navegam ainda e nas fabricas illuminadas a tarefa continúa.

São os grandes engenhos onde a canna vaee sendo triturada com estalidos, os distilladores onde começa a surgir o alcool, as grandes caldeiras de vacuo para a crystallisação no interior das vastissimas officinas de Hinton.

De lado a lado vêem-se enormes tubos que se cruzam, se bifurcam, se enloam, tornejam e

veem em diagonaes, uma verdadeira rede de larga contextura que vem dos tectos, passa nas paredes, se curva para os tanques largos e de ferro com uma infinidade de torneiras nas suas voltas. Luzem os recipientes de cobre, e os machinistas, junto aos seus engenhos, olhando os manómetros, verificando as pressões, assistem á transformação da canna, ha pouco arrancada, em assucar e alcool.

Ha um grande ruído de trabalho, uma tarefa enorme a fazer-se n'aquelle amphitheatro onde não se pára e onde são multiplas as machinas, numerosos os trabalhadores nos diversos mistéres desde o da trituração da planta, desde a extracção do bagaço á definitiva crystallisação.

Nem ao domingo antigamente aquella vida laboriosa parava nas fabricas da Madeira, a linda região do céu azul tão cheia de collinas onde as quintas se mostram com os seus verdejantes arvoredos e as cannas d'assucar alinhadas de bandeirolas esvoaçantes, floridas de pennachos, n'uma gala que é a da mais grandiosa riqueza agricola e industrial d'essa famosa e pittoresca Madeira das lendas e dos sonhos do infante D. Henrique.

Foi sobre esta industria imortantissima para a vida da ilha que se travou a questão Hinton, que tem despertado tanta celeuma no paiz.

O futuro da Madeira está no maximo desenvolvimento da cultura, no progresso do



fabrico, no maior aperfeiçoamento de todos os trabalhos e na attenção que os governos devem dispensar a essa industria, tão interessante nas suas variadas phases e tão productiva que sustenta a maioria da população da encantadora ilha.



1—Chegada á praia de um barco carregado de canna.
2—Barco descarregado.

(Clichés do sr. A. S. Balreira—Ovar)



A avó—quadro da sr.^a Viscondessa de Sistello, exposto na «Société Nationale des Beaux Arts» —Salon de 1910. 2.—Sr. J. E. Moreira Salles

A EDUCAÇÃO PHYSICA. —E' o titulo d'um livro do sr. Moreira Salles, official do exercito, que ama apaixonadamente o desenvolvimento physico e fez a sua obra no intuito todo patriotico de formar gerações viris e de educar os novos d'uma maneira que os torne validos e uteis. O livro divide-se em trinta e oito lições de gymnastica sueca e trata tambem d'outros assumptos, como cantinas escolares, hygiene, exercicios de applicação, jogos ao ar livre, passeios escolares, instrução militar e educação civica, sendo acompanhado por muitas gravuras elucidativas.



D. MARIA JOSÉ FURTADO DE MENDONÇA. — Esta virtuosa senhora ha pouco fallecida, no seu solar da Rapa, foi uma distincta poetisa e deixou, além de algumas composições espalhadas em jornaes, o livro *Flôres d'Inverno*, onde ha algumas poesias de valor que tiveram voga no seu tempo.



COSTUMES MI-NHOTOS. —São d'um grande pittoresco os costumes da provincia do norte de Portugal e tem mesmo preceitos que nem em todos os trajes da região actualmente se vêem. Esta photographia dos filhos do sr. barão das Lages, representa os fatos mi-nhotos em todo o seu rigor.

(Cliché Biel)

OS PELOTIQUEIROS EM LISBOA



Chamam-lhes pelotiqueiros. Pela minha parte chamar-lhes-hei, hoje e sempre, humanitários ambulantes

ao ar livre. O pelotiqueiro, de ordinário, gasta-se no exercício banal da prestidigitação, não dilatando as suas aspirações para além do intuito de fazer rir, de provocar *ah! ah!* de surpresa para o efeito exclusivo da receita em dinheiro. Aquelles, embora sacrificarem o seu quarto de hora ao riso, á dextreza dos dedos, dão pelo menos uma hora ao apostolado de exterminio contra o callo, contra a queda do cabelo, anevralgia, a perfidia surda da carie, que, aos poucos, pertinazmente, reduz a tristes ruínas esburacadas o melhor adorno, e o mais util que pôde alegrar o setim ruborizado d'uma bocca—os dentes, especie de ameias de castello de luxo em miniatura, feito de porcelana ou marfim, d'onde saem, vencendo-nos ou enraive-

cendo-nos, sorrisos, promessas e ameaças. Os humanitarios ambulantes ao ar livre formam duas grandes e reputadas familias—a dos scientificos e a dos praticos. Na primeira, a par do scientifico estudioso, o que procura nos livros a noção abstracta que lhe abra caminho para a realisação segura do caso concreto, destaca o scientifico intuitivo, o que concerta e elabora systemas, que edifica corpos de doutrinas, methodisadas e demonstradas, á medida que a observação luminosa dos factos alarga o horizonte do seu espirito, até onde os motivos essenciaes das coisas se revelam espontaneos e claros. Entre os que compõem a vasta familia dos praticos, inimigos intolerantes do conceito theorico, move-dição e superfluo, vemos o pratico rigido, o que arremette, o que destrõe o mal sem termos arresados e sem nigromancias, ao lado do pratico moderado, usando recommendar, para o ataque proveitoso ao callo, á caspa, á carie, certos palliativos, preparos preliminares cautelosos e subteis.

Uns e outros, porém, scientificos e praticos, possuem a facundia, a verbosidade impetuosa, malleavel, que tornaria festejados muitos dos *nossos avós*—paes da patria. E assim, tanto se servem no combate em beneficio do semelhante da suggestão exercida atravez da palavra, como da torquez, da navalha de barba, do elixir, dos pós dentrificos, da pasta calcídica que constituem especialidade exclusiva, nunca sonhada nem igualavel.

Para os observar de perto basta chegar ali ao Rocio ou á praça de Camões...

Perdão. Antes de os observar de perto, convém accentuar que é em Lisboa, capital do reino, que elles de preferencia se estabelecem, tomando para

—Vede-lo?—Ficou inteiro, collado com estes pós...
2—Colloca-se o copo sobre esta haste de madeira...



Atenção... Muita atenção...
(Cliché do amador sr. Bertrand)

esphera d'acção o centro, a parte que é verdadeiramente Lisboa. Lisboa, sem agravo para o resto da cidade, é o Chiado, a rua do Ouro, o Rocio, parte da Avenida, as secretarias do Estado e o ambiente secreto de certos ninhos galantes. O resto, por toda essa redondeza d'algumas leguas, são estradas desertas, ruas provincianas cortadas pelo movimento dos electricos, com casas muito altas, uma uniformidade angustiosa de modelos. Ora os cirurgioes-dentistas e humanitarios ambulantes só não apostolizam na rua do Ouro por falta de espaço, na Avenida por falta de ouvintes e nas secretarias do Estado por temer a concorrência que os não deixaria respirar, vencendo-os pela deslealdade e pelo accinte. No Chiado não armaram ainda a cathedra indispensavel á catechese, á divulgação verbal. Mas sua a voz domina-o, irradiante e convicta, vinda da praça contigua, onde Camões guerreiro, o unico Camões comprehensivel por aquelles que decretam estatuas, ameaça mouros e indios, de espada arrogante, no gesto taumachico de quem vae matar a rez...

Na praça de Camões e no Rocio encontram-os á escolha, scientificos ou praticos, e os especialissimos dentro dos dois grupos. Nunca deixam de espalhar a semente do seu saber á mingua de terreno que a receba e lh'a restituem em fructos compensadores — tem sempre publico numeroso, attento, e a confiança invejavel que redundam em moeda corrente.

As suas cathedras variam conforme os recursos oratorios, a habilitação professional e a sorte caprichosa de cada um. Variam em luxo e em commodidades. A fórma é igual para todas. São caixas oblongas, semelhantes ás que transportam as massas alimentares das fabricas para o commercio, assentes em quatro pernas de madeira que um panno de velludo ou flanela carmezim vela pudicamente. Algumas, as dos mais acreditados pelo saber e pela sorte, tem duas

parallelas de metal ao alto, a flanqueal-as da esquerda, sustentando uma taboleta emoldurada em que se mostram á contemplação e ao respeito dentaduras descarnadas, frascos premiados, medalhas com a effigie de reis ou com a propria effigie. E é ao meio da cathedra, de pé, sobre um banco, com o estojo dos instrumentos cirurgicos ou dos especificos á direita, e em frente uma campainha, que o e'loquente humanitario se ergue, sobranceiro á massa anonyma e devota, ostentando a gravidade majestosa dos sacerdotes dos cultos persas na hora sagrada do sacrificio. E para que tudo lembre a solemnidade d'um culto, assim como na egreja não se celebra a missa

sem o toque da sineta, elle não entra no exercicio da profissão sem o toque da campainha.

Feito o primeiro aviso de campainha, que solicita vibrante a attenção dos que passam, o humanitario prepara sobre a cathedra, dispondo-os em ordem, os apparelhos da profissão, os frascos, os pacotes, as pastilhas de tirar nodos. Os curiosos e os devotos agglomeram-se em volta. A campainha retine de novo. Antes da parte propriamente benefica do seu trabalho, declara então que tudo o que é util se deve fazer acompanhar do que é agradavel. E proporciona ao publico respeitavel o quarto de hora preliminar de prestidigitación, para o que emprega baralhos de cartas, copos magicos, bonecos de molas.

— Estas cartas — assegurava um d'elles, ha dias, na praça de Camões — foram amestradas por um leiteiro, Anocke, que vive de hervas e agua da fonte nas extremidades d'um grande reino chamado o Imperio de Java,...

Este era dos scientificos. As suas palavras vinham todas revestidas de citações, de nomes auctorizados como um navio d'alto bordo em blindagem d'aco batido. Saltava da geographia para a medicina, da prestimania para a theologia christã, tão familiarmente como qualquer de nós percorre os aposentos da sua casa, desde a sala de visitas ao quarto de dormir.

Dava primeiro as cartas a verificar. Não differiam das cartas vulgares da sueca, sequer no arrebitado dos bigodes d'um



Ouvi... e o grande medico Corsac que fala...



zafete de copas, ou no ar virginal e espremido d'uma rainha de ouros. Verificadas, punha-as em jogo—e o jogo consistia em parodiar um *solo* de concertina, em que as cartas davam a illusão perfeita d'um fol

le em movimento.

O numero dos fieis augmentava de segundo a segundo. E a cada pessoa vestida em alfaiate decente, que parava em frente, o verbo coloria-se-lhe de novas tintas, dando um brilho novo á moldura das idéas.

O *solo* executado declarou que não era mais do que um «modesto prologo»—aqui, a campainha, vibrou com mais acieidade—o trabalho a que acabavam de assistir, e que breve seria continuado com outros numeros de sensação. Antes d'isso, porém, chamando a campo o util, como sequencia do agradavel, ia mostrar-lhes uns

Dois homens de côco e bengala de castão afastaram-se, resmoneando. Elle abriu o estojo, tirou de dentro, delicadamente, entre o indicador e o polegar, um pacote com fita de setim azul, e inclinando o corpo para a tableta, a sua voz tornou-se profunda e pausada:

—Vejam, meus senhores. Estas medalhas não se adquirem n'uma boa cama, em bom repouso... São o fructo do suor dos que desejam contribuir para o bem estar do semelhante. Uma é o premio do meu labor de dentista protesico. As outras duas apreçoam a excellencia d'estes pós...



Declarou a utilidade e a origem dos seus pós. Mantinham immaculada a alvura dos dentes, no espaço de seis mezes, impedindo a accumulção perigosa de alimentos em decomposição. Esses pós eram o resultado das *tres pedras da Sibiria combinadas*. Como alguém gracejasse do lado, aos labios aflorou-lhe o sorriso soberano da mizericórdia. E depois de haver sorrido, elle accentuou nobremente que havia incredulos, que conhecia muitos incredulos.

—Mas porque ha incredulos?—interrogou, circumvagando o olhar tórvo, fitando o vulto aguerrido do lyrico cantor de Natercia, como na esperança de que elle, que com tantos incredulos esbarrára, lhe respondesse com um gesto ou com uma estrophe. E como a estatua se mantivesse muda, na sobranceria do guerreiro que caminha rodeado de captivos, concluiu, espachando as syllabas:—Ha incredulos, porque ha ignorantes... Ha incredulos... porque em vez de lhes falar a *contado* n'um gabinete, lhes falo *gratis* no meio da rua... Ha incredulos, em summa, porque todos sabeis que não fui quem ar as pestanas a Coimbra.

Circumvagou novamente o olhar, onde crepitavam agora chammas vivas de satisfecida justiça. Explicou o motivo por que não queimára as pestanas em Coimbra. A experiencia das coisas revelou-lhe que era inutil esse dispendio de tempo e de dinheiro. Nem lucrava a sciencia nem a humanidade. O que



1—Collocam-se assim as mãos...
2—Fricçiona-se... e a ferida desaparece...



lá se aprende em mil livros, e em muitos annos, aprendera-o em poucos annos e n'um só livro. Não conheciam esse livro em Portugal, estivessem certos. Em Portugal ninguém cuava de estudos de provada utilidade. Conhecia-o a grande França, a industrial Allemanha, o mundo inteiro, desde a Siberia ao Brazil. E em

Portugal, n'este bello Portugal, conhecia-o elle como as unhas dos seus dedos... N'esse livro—revelou o nome do auctor, no meio do assombro ancioso dos circumstantes—n'esse portentoso livro do doutor Vitry, aprendera a extrahir beneficios das hervas e dos mineraes. E assim descobriua na Siberia, bastante para o norte, as tres pedras que, desfeitas e combinadas, resultavam no pó milagroso que dava alvura aos dentes para seis mezes garantidos.

Não vi o numero de pacotes que o assombro publico adquiriu para seu uso. Vi apenas, ao afastar-me, um outro apregoador de milagres, bradando o conhecimento do organismo *animado*, adquirido n'uma larga e conscienciosa pratica e recommendando á multidão «a unica pomada infallivel na cura do rheumatismo e das nevralgias.»

Metti Chiado abaixo, pensando na crendice que maternalmente abriga e alimenta esses sacerdotes do milagre humanisado. Ella é ainda hoje, depois de seculos decorridos, de revoluções em que correu o sangue, de mil cruzadas pacificas pela luz e pela verdade, a mesma que erigia templos a Neptuno e que escutava, embevecida, a propheta vaga das Pythonisas.—E o que havia de diferente entre mim e essa crendice ingenua e primitiva?—perguntava eu, sob a influencia desalentadora d'um pessimismo melancholico e antiquado.—Não iam os meus olhos, perturbadamente, para as fórmas femininas que lhes passavam ao alcance? E o que haveria de diferente entre tantas d'essas fórmas, a que o estofado dos vestuarios corrige a demasia ou a deficiencia irregular de linhas, sublinhando-as de apparente harmonia, e a palavra enaltecedora de drogas e panaceas atrahindo a crendice das multidões?

No meu intimo, n'uma reacção subita, uma voz indefinida, vinda não sei de que mysteriosa força, acariciadora e perdida, quiz no emtanto dominar-me o instincto, segredando-lhe que tantos d'esses corpos, cingidos nos estofos macios que lhes definiam o recorte complicado das curvas, ti-

nham a esbelteza dos marmores immortaes, a frescura das vegetações novas, a graça ondulada das espiraes de fumo, subindo, de vagar, voluptuosamente, d'um thuribulo de ouro, na atmosphera religiosa d'uma cathedral.

Mas o pessimismo falou

mais alto. Belleza, fórmas divinas, não eram mais do que mentira, scenographia de theatro ao arbitrio da modista e do figurino. E era preferivel, então, á mentira do adorno, á que exclusivamente tende ao suborno material dos sentidos, outra, a que exercita qualidades de espirito e de lingua-gem adequadas á persuasão, á confiança, pela necessidade implacavel de adquirir alimento, vestuario e um pouco de conforto. E não poderia esta mentira beneficiar até os que acceptavam a efficacia das especialidades pelos prodigios da suggestão?

Desemboquei no Rocio, caminhei direito a um terceiro apostolo do bem estar humano, atrahido agora, insensivelmente, pelo tilitnar frenetico da campainha. Este, em vez do baralho de cartas para «deleitar a illustrada assistencia,» afagava, encostado ao peito, um lenço de ramagens, previamente enrolado de maneira a imitar o corpo d'uma gallinha. Era uma gallinha que cacarejava, que comia, que fugia espavorida a um gallo por ninguém descortinado sobre a cathedral vestida d'um panno azul desbotado. Por fim dirigiu-se com seriedade e polidez a uma mulher que lhe ficava á direita, pedindo-lhe para sustentar junto ao collo, por alguns minutos, o estranho exemplar gallinaceo—asseverando que ao cabo d'esses curtos minutos teria posto meia duzia d'ovos. E enquanto se esperava a maravilhosa postura, elle solicitava da «illustrada assistencia» a honra da sua attenção. Ia mostrar um liquido afamado e precioso—escolheu um frasco entre



1—Com este pau milagroso... 2—Deitem-se os pés n'um copo d'agua...

uma longa fila d'elles, e agitou-o na mão, victoriosamente :

—E' agua?—interrogou, sorrindo.—Pensas que sim. Mas nem tudo o que luz, é oiro, nem tudo o que é liquido é agua... Isto que aqui vêdes, daria vida aos mortos, se os mortos resuscitassem... Chegado aos dentes, tira-lhes a dôr. Arde-vos um callo? Uma gotta... duas gottas e o callo já não é mais do que fumo...

A seguir traçou a genealogia, legalmente authenticada, do liquido que não era agua. Tinha-o colhido n'uma fonte, á borda do Jordão, e misturára-lhe essencia de certas hervas de Nazareth, «terra onde havia nascido e morrido o nosso divino Salvador.» Custava pouco o frasco. Cento e cincoenta réis. Menos custaria se os encargos da alfândega o poupassem. E caso o effeito não fôsse decisivo, restituiria o preço de cada frasco vendido, su'eitando-se ainda, e tambem por cada frasco, a uma multa de dez tostões—restituição e multa que a sua immensa clientella no Oriente, no Occidente e em Lisboa até áquelle momento não lhe exigira nunca!

Quando entrou na explicação do modo de usar, retirei-me, lentamente, para os lados do D. Maria. Mas em frente do theatro feriu-me o ouvido a voz d'um novo pregoeiro das excellencias da respectiva «mercadoria». Este annunciava, em gestos e exclamações exaggeradas, o poder renovar d'um elixir para o cabelo, preparado da sua unica e honesta responsabilidade. Apressei o passo, já com a cabeça aturdida pela persistencia do reclamo proprio, com o ouvido saturado de phrases estralejantes de cartaz, tendendo a salientar e a sublimar predicados d'exceptão de certo exclusivo. E torcendo para a rua do Ouro, na ancia de libertar o espirito d'um repentino desalento inexplicavel, — era á hora movimentada em que as meninas matrimoniaveis esperam, com o olhar sonhador irradiando romanticas promessas, a



sahida dos amanuenses das secretarias do Estado,—parecia-me agora que em volta de mim, desde o gesto brando das mulheres, desde o crystal delicado da sua voz e a arrogancia atrevida dos seus chapéus, até ao ar lamecha ou altivo dos leões domesticados que lhes seguiam o rasto, tudo affirmava, na febre allucinada da mesma obsessão :

—Eu sou a unica perfeição capaz de seduzir e salvar... Sendo eu a unica superioridade indiscutivel, garantida pelo testemunho dos que observam... Quem resistirá á força inegalavel que me torna o primeiro entre os primeiros?... Lisboa.

Sousa Costa.



1—Custa barato, 200 réis. 2—A natureza não a conhece os sabios...

(Cliché de Benolie)

UMA RECITA INFANTIL NO COLLEGIO DE NOSSA SENHORA DAS DÓRES

Foi com a linda opera *Gentil Mignon* que as alumnas do Collegio de Nossa Senhora das Dóres realisaram a festa inaugurativa da exposição dos trabalhos executados durante o anno.

Muito galantes, cheias d'uma encantadora gentileza, felizes por aquelle divertimento a quebrar os trabalhos escolares.



As interpretes da *Gentil Mignon*

as pequenitas representaram com graça ingenua e com uma simplicidade enternecedora a peça que tinham escolhido.

Depois tocaram solos de piano as meninas Maria Candida Larião e Ondina Goes, que foram muito applaudidas. A festa acabou com um câoro de cem alumnas, sendo entoada a celebre *Serenade Joyeuse* de E. Dell'Acqua, deixando uma magnifica impressão.



As caçadoras



Grupo das alumnas do collegio de Nossa Senhora das Dóres que entraram na recita.
(Clíches de Benoliel)

·A CHEGADA DO COURAÇADO· ·"MINAS GERAES"· AO RIO DE JANEIRO·



- 1—O *Minas Geraes* entra na baía do Rio de Janeiro
- 2—A proa do *Minas Geraes* ancorado na baía do Rio de Janeiro
- 3—O almirante Alexandrino de Alencar, ministro da marinha, percorrendo o *Minas Geraes*
(Clichês do sr. Carlos Chapelin)

A REGATA DA TAÇA LISBOA EM QUE FICOU VENCEDORA A REAL ASSOCIAÇÃO NAVAL



1- Os vencedores da regata de honra, tripulação da Real Club Naval.
 2- Os vencedores da regata de honra, tripulação da Real Associação Naval.
 3- Os vencedores do Prémio 2º tempo, tripulação da regata taça lisboa.
 4- Uma das tripulações da Associação Naval e Real Club Naval, dispostas a dar o start, com o seu primeiro plano e outro remador.
 5- Os vencedores da regata Taça Lisboa em. Fundação Euzébio, Vasco Fogaça, Wilson Soares, António Francisco, Almeida, José Duarte e o seu timoneiro Luís Mendes. (Clube de Remada)

A CORRIDA DE MARATHONA

No programma dos jogos olympicos Nacionaes figurava a corrida de Marathona, que se realisou em 29 de maio, fazendo-se o percurso consagrado de 42 kilometros e 800 metros. Tomaram parte na corrida alguns pedestrianistas conhecidos, tendo chegado em primeiro lugar ao Campo Grande o sr. Francisco Lazaro, do Velo Club de Lisboa. A esta collectividade ficará pertencendo o bronze *Aubul* offerecido pelo sr. conde de Penha Longa, e o bronze *Victoria* ao primeiro classificado da corrida. As outras *equipes* que se apresentaram foram as do Grupo Progresso, Sport Grupo Alliança e Atheneu Commercial.

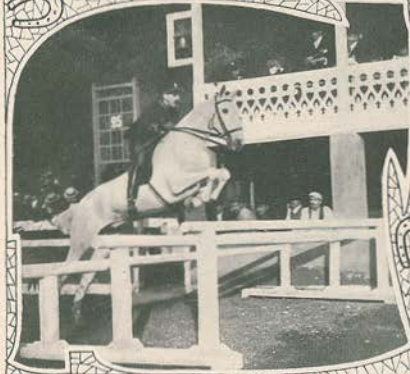


—O bronze artistico *Aubul* offerta do sr. conde de Penha Longa, ganho pelo Velo Club

2—Um dos corredores. 3—Um aspecto da corrida. 4—Os concorrentes.

(Clichs de Benoitel e Senna Cardoso)

O PRIMEIRO DIA DO CONCURSO HIPICO



—O sr. tenente Jara de Carvalho, 1.º premio da prova militar no seu cavallo *Elmo*
 2.—O sr. alferes Botelho, 2.º premio da prova militar.

3.—O sr. tenente Casal Ribeiro, 3.º premio da prova militar.
 4.—O sr. Antonio Pereira de Carvalho, da Escola Academica, vencedor na prova de alumnos.
 (Chiclé de Benoliel)

O primeiro dia do concurso hippico, 28 de maio, deixou agradaveis impressões no numero e escolhido publico que assistiu aos interessantes exercicios executados. Os cavalleiros militares distinguiram-se soberbamente nas provas que causaram entusiasmo, obtendo o primeiro premio o sr. tenente Jara de Carvalho, que já o anno passado da mesma brilhante forma se distinguira. O

segundo premio coube ao sr. alferes Botelho e o terceiro ao sr. tenente Casal Ribeiro.

A's provas dos discipulos concorreram quinze cavalleiros, sendo ganho o primeiro premio pelo sr. Antonio Pereira de Carvalho, da Escola Academica, e o segundo pelo sr. Bernardo de Vasconcellos e Sousa, do Collegio Militar.



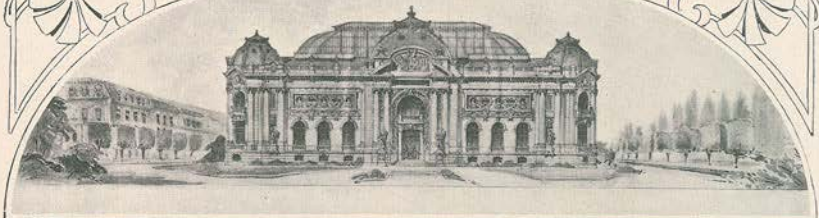
A PROCISSÃO DE CORPO DE DEUS
EM 1910



(Cliché de Benoliel)

A EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES

EM S. THIAGO DO CHILI



Por todo o mundo se está dedicando á arte um fervoroso e entusiastico culto. Agora é em S. Thiago do Chili que se vai abrir uma exposição artistica a que podem concorrer os pintores e esculptores de toda a Europa e America.

O commissario geral d'essa exposição é o sr. Alberto Mackenna, que, no cumprimento da sua missão, esteve ha pouco em Lisboa.

Deve ser magnifico o certamen e constituirá um acontecimento n'esse paiz que se vai destacando; concorrerão ali não só pessoas d'outros pontos da republica, mas com certeza muitos argentinos, pois a cidade fica apenas a trinta horas de Buenos-Ayres, mercê do caminho de ferro Arasandino, que atravessa os Andes.

Dentro em pouco, do Chili estabelecer-se-hão communicações muito rapidas de paquetes para Lisboa e que levarão na viagem desde S. Thiago doze a quatorze dias, fazendo-se o embarque no porto de Buenos-Ayres, onde o comboio



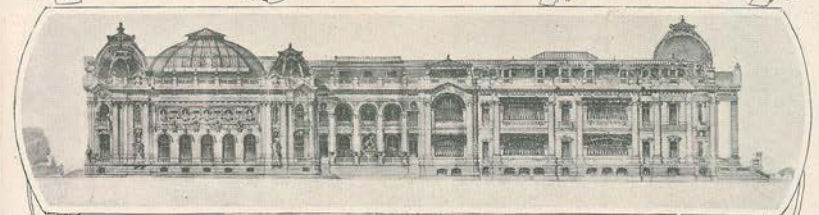
1—A fachada principal do Museu e Escola das Bellas Artes do Chili.

conduzirá os viajantes chilenos.

Os magnificos meios de transporte encurtam de dia para dia as distancias e por isso S. Thiago verá nas suas formosas ruas, nos seus parques, passeando pelo magnifico Cerro de Santa Lucia — montanha transformada em jardim no centro da cidade — uma multidão que irá admirar a grande exposição internacional de Bellas Artes. Alguns artistas portuguezes vão enviar os seus trabalhos á exposição do Chili, sendo o transporte das outras obras d'arte feitas por conta do governo chileno, o que representa uma excepcional vantagem para os concorrentes.

Aquella nação prospera a olhos vistos, o seu commercio augmenta, a sua industria desenvolve-se, é um paiz novo, que volve agora para a arte as suas atenções, enviando á Europa o sr. Mackenna cuja missão vai sendo rigorosamente cumprida.

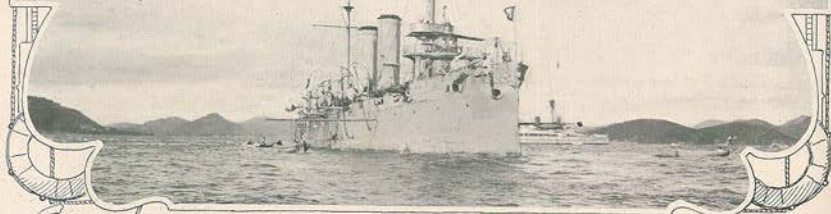
O Chili entra assim no grande concerto das nações que pelo culto da belleza affirmam constantemente os seus progressos.



2— Sr. Alberto Mackenna, commissario geral da exposição internacional de Bellas Artes de S. Thiago do Chili. 3—A fachada lateral do Museu e Escola das Bellas Artes do Chili onde se realizará a exposição

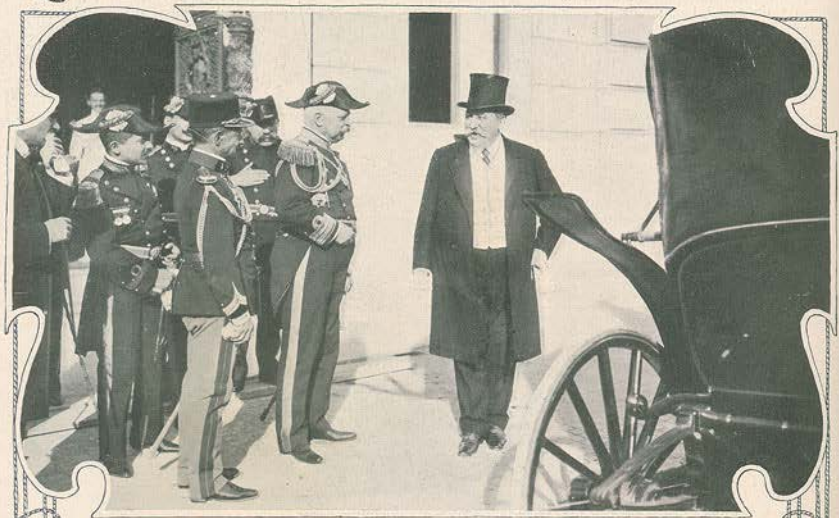
O CRUZADOR "D. CARLOS".

NA BAHIA DO RIO DE JANEIRO.



A officialidade e marinheiros do cruzador *D. Carlos*, que foi representar Portugal na celebração do centenário da republica Argentina, foram recebidos com grandes manifestações de apreço e sympathya no Rio de Janeiro onde o nosso navio aportou. No caes Pharoux uma grande quantidade de gente saudava affectuosamente os nossos marinheiros, sempre que elles desembarcavam e tornou-os alvo d'uma ruidosa manifestação ao vê-los vencedores de uma regata realisada na bahia do Guanabara, contra os marujos do cruzador americano *North Carolina*. Os dos couraçados allemão e italiano *Karl VI* e *Etruria*, tambem foram desafiados mas não accetaram. A bordo do *North Carolina*, cuja tripuição ficára vencida, içou-se a bandeira portugueza entre os mais estrondosos vivas a Portugal, fazendo-se tambem no *D. Carlos* uma ovação aos marinheiros dos Estados Unidos cujo pavilhão fluctuou no nosso navio.

A regata foi de uma milha e um quarto, com escaleres de doze remos e a aposta de



1—O *D. Carlos* na bahia do Guanabara
2—O commandante do *D. Carlos*, o conde de Selir, nosso ministro no Rio, o major Antonio Bernardo Ferreira, e officialidade portugueza sahndo do palacio de Catete depois da audiencia do Presidente da Republica



1—Na Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro. 2—Desembarque de marinheiros portugueses. 3—Missa campal celebrada pelo capellão do D. Carlos na praça da Republica.

treze dollars que os portugueses não quiseram receber senão depois de muito instados pelos americanos. E' aquella mesma a distancia que deve ser percorrida nas festas navaes commemorativas do centenario da Argentina, onde sem duvida os marinheiros portugueses mostrarão todos os seus grandes recursos de homens do mar, dignos descendentes dos heroicos navegadores que assombraram o mundo.



Um aspecto da praça da Republica por occasião da celebração da missa campal.
(Clichê do sr. Carlos Chapelin)

DOIS · NOVOS · QUADROS · DE · COLUMBANO

Ha quasi trinta annos, escreveu Henri Rochefort no *Intransigeant*, a proposito de um artista que expunha no *Salon*: *Voici un peintre qui tâtonne, et qu'un jour nous étonnera.*

O moço pintor, que então merecia ao celebre critico e pamphletario francez estas palavras propheticas, chamava-se Columbano Bordallo Pinheiro.

Volvidos muitos annos,—e depois de ter recebido, em diversas exposições internacio-

realisar, ainda uma vez, a prophesia de Rochefort. Esses quadros foram tão unanimemente assignalados e applaudidos, que est'outro triumpho do admiravel colorista redundava tambem em gloria do nosso paiz, por ser uma consagração da arte portugueza.

N'estes dois quadros, accentuam-se com o maior relevo os caracteres exceptionaes da pintura de Columbano,—retratista notavel entre os mais notaveis mestres de todos os pai-



As fructas

naes, as mais altas recompensas, como por exemplo em S. Luiz, onde lhe foi conferido o *Grand-Prix*, que aliás a outras nações não foi outorgado,—volvidos muitos annos, empregados pelo artista na mais sincera e absorvida labuta, e atravez da qual elle chegou ás culminancias da sua arte, Columbano expoz agora na *Société Notionale*, em Paris, os dois quadros que as nossas gravuras representam: *retrato de F. R.* e o pequeno quadro de *fructas*. A critica franceza, representada pelos seus mais auctorizados membros, encarregou-se de

zes,—*pintor de almas*, na phrase de Eça de Queiroz. Com esta phrase queria o glorioso romancista significar que nos retratos pintados por Columbano *vive* a personalidade moral do retratado, interpretada e sentida pelo artista, de modo que, em cada um dos seus retratos, se adivinha sempre a alma do modelo.

O quadro de fructas pertence a outro genero cultivado pelo eminente artista com um extraordinario gosto: as *naturezas mortas*, reproduzindo, em magias de colorido, os vegetaes do mais delicado verde, as fructas de macia pelle



Retrato do sr. F. R.

(Clichés: J. Coutinho)

e polpa mimosa. E estes rusticos *motivos* são pelo pintor tornados em pequenos poemas de graça popular e ingenua e, sobretudo, em verdadeiros encantos de côr. Expostos entre os milhares de telas do salão da *Société Nationale*, onde igualmente expunham os mais cotados pintores da actualidade, estas obras portuguezas impuzeram-se desde logo, n'uma brilhante victoria.

E tanto estes quadros bastaram para darem a medida do talento do seu auctor, que ao illustre critico Arsène Alexandre mereceram esta

referencia, publicada n'um dos mais conhecidos jornaes de Paris: «Portugal enviou-nos este anno uma obra magistral. Trata-se de um retrato e de um quadro de fructas, pintados com uma firmeza, um vigor, uma franqueza taes, que nos fazem lembrar que Velasquez era natural, por seu pae, da admiravel região que o Tejo e o Douro banham. Quando se examinam esses quadros, reconhece-se n'elles a manifestação muito pessoal de um magnifico temperamento de artista.»



RELAMPAGUITO E BIENVENIDA NO CAMPO PEQUENO



A tourada em que toma
ram parte *Relampaguito* e
Bienvenida foi interessante
não só pelo trabalho dos
dois eximios artistas hes-

panhoes mas também pelo dos ban-
dareiros portugueses.



1—Um aspecto da sombra. 2—O cavalleiro Manuel Casimiro. 3—O cavalleiro Adelino Raposo.
4—Relampaguito n'uma situação difficil.



1—Bandarilhas por Bienvenida. 2—Bandarilhas por Relampaguito. 3—Bienvenida toureando de muleta. 4—Relampaguito simulando a morte do touro.

(Clickés de Benollei)

A ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA NO RIO DE JANEIRO.
A INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AO MARECHAL FLORIANO.



—O Presidente da Republica, dr. Nilo Peçanha, acompanhado das suas casas civil e militar, no momento da inauguração do monumento.
2.—O desfile das tropas pela Avenida Central do Rio de Janeiro.

O Brazil acaba de comemorar os feitos do marechal Floriano Peixoto com a inauguração da sua estatu na capital federal. O marechal de ferro, titulo com que passou à posteridade, foi um dos homens mais energicos, inteligentes e valerosos da sua patria. Era um admiravel militar cheio de tacto politico; uma figura inolvidavel,



1—Aspecto da praça Floriano Peixoto antes da inauguração do monumento.
2—Aspecto do pavilhão onde se achava o Presidente da Republica.
3—O collegio militar prestando as honras ao monimento.

toda dignidade e bravura.

Um grande escriptor brasileiro ha pouco victima n'uma tragedia que a to-

Aspecto geral da praça Floriano Peixoto, no Rio de Janeiro, por ocasião da inauguração do monumento.





O monumento na ocasião da sua inauguração
(Clichés de sr. Carlos Chapelin)

dos commoveu, Euclýdes da Cunha, auctor dos *Serões*, uma obra prima da lingua portugueza, referiu-se n'estes termos ao marechal de ferro :

«Conta-se que ao estalar a revolução de 6 de setembro, no meio do espanto e do alarme e do delirio de adhesões e enthusiasmo que para logo repontaram de todos os lados, gerando aquella angustiosissima commoção nacional culminada pela loucura tragica de Aristides Lobo — conta-se que o marechal Floriano requintára na proditoria quietude. Impassivel n'aquelle estontamento, superpóz ao tumulto o seu meio sorriso mechanico e o seu impressionador mutismo. N'um dado momento, porém, abeirou-se d'uma das janellas do palacio aberta na direcção approximada do mar; e ali ficou um minuto, meditativo na attitude habitual da sua apathia enganosa e falsa. Depois alevantou vagarosamente a mão direita, espalmada, vertical e de chapa para o ponto

onde se adivinhavam os navios revoltosos, no gesto trivial e dubio de quem atria de longe uma esperanza ou uma ameaça...

Traçou n'aquelle momento o molde da sua estatua. Nenhum escultor de genio o imaginará melhor, a um tempo ameaçador e placido, sem expansões violentas e sem um tremor no rosto impenetravel, desdobrando silenciosamente, deante do assalto das paixões tumultuarias e ruidosas, a sua tenacidade incoerciva, tranquilla e formidavel.»

Foi a sua estatua que ha pouco se inaugurou na presença do presidente da republica, sr. dr. Nilo Peçanha, e deante d'ella desfilarão as tropas em continencia, representações de todo o exercito brasileiro que o marechal de ferro tão denodadamente commandou. A republica acaba de pagar a sua divida de gratidão ao homem singular que em 14 de novembro, vespera da sua proclamação, parecia um indeciso, e que mais tarde, com o seu arrojo, a devia salvar.